

Cenas cotidianas e tensão social no conto “A sociedade”, de António de Alcântara Machado

Daily scenes and social tension in the short story “A sociedade”, by António de Alcântara Machado

Evandro Fantoni Rodrigues Alves¹ Lara Cristina Nascimento Queiroz²

Resumo. As relações entre a Literatura e a História são múltiplas e de longa data, com diversos graus de aproximação e distanciamento entre ambas. Uma das possibilidades de aproximação entre os dois campos de conhecimento é o do uso de obras literárias como fonte privilegiada para a interpretação de contextos sociais não mais existentes, ainda que essa interpretação não possa nunca ser considerada como única e absoluta. É a esse tipo de exercício de aproximação que se propõe o presente artigo: partindo do conto “A sociedade”, de António de Alcântara Machado, estudar algumas cenas do cotidiano das comunidades de imigrantes italianos na cidade de São Paulo na primeira metade do século passado. Para isso, as páginas seguintes se valerão tanto da obra citada do autor modernista quanto de referenciais teóricos que versam sobre os temas de Literatura e História, a fim de verificar como as tensões sociais entre imigrantes italianos e paulistas de “quatrocentos anos” apresentam-se literariamente no conto de Alcântara Machado.

Palavras-chave. Literatura brasileira. Modernismo. António de Alcântara Machado. História do Brasil. Imigração italiana.

Abstract. The relationships between Literature and History are multiple and long-standing, with different degrees of approximation and distance between them. One of the possibilities of approximation between the two fields of knowledge is the use of literary works as a privileged source for the interpretation of social contexts that no longer exist, although this interpretation can never be considered as unique or absolute. This is the type of approximation exercise proposed by this article: start from the short story “A sociedade”, by António de Alcântara Machado, to study some scenes of the daily life of the communities of Italian immigrants in the city of São Paulo in the first half of the last century. For this, the following pages will make use of both the cited work of the modernist author and theoretical references that deal with the themes of Literature and History in order to verify how the social tensions between Italian immigrants and São Paulo natives of “four hundred years” are literarily presented in the short story by Alcântara Machado.

Keywords. Brazilian literature. Modernism. António de Alcântara Machado. Brazil's History. Italian immigration.

¹Doutor em Literatura e Crítica Literária (PUC/SP). ID Lattes: 8404223798107944. ORCID: 0000-0001-5107-0605. E-mail: evandro.fantoni.ra@gmail.com. ID Lattes: 0306680959770318. ORCID: 0000-0003-2010-3501. E-mail: evandro.fantoni.ra@gmail.com.

²Mestranda em Literatura e Crítica Literária (PUC/SP). ID Lattes: 2296869784926420. ORCID: 0000-0003-3544-7382. E-mail: laracnqueiroz@gmail.com.

Introdução

A Literatura e a História são duas áreas do conhecimento que conversam entre si e possuem uma relação bastante próxima. Ambas têm como objetivo final uma narrativa, e as duas contam, recontam, narram. Versam sobre fatos, sobre acontecimentos, sobre a realidade. Tanto uma quanto outra possuem personagens, tramas e enredos nas tessituras de suas construções. A trama literária e a histórica muitas vezes se misturam e têm seus limiares muito próximos, de difícil delimitação. Uma espécie de entrelugar, algo que não se consegue separar facilmente. Além disso, a literatura pode ser considerada como fonte histórica, uma vez que por meio dela se tem acesso a fatos e acontecimentos importantes do passado do mundo.

Partindo desses argumentos, o presente artigo pretende discutir a relação entre literatura e história, tendo como objeto de análise o conto “A sociedade”, de Antônio de Alcântara Machado. O conto trata—entre outros temas—do embate entre aristocratas paulistas e imigrantes italianos, e os conflitos de interesse entre famílias na sociedade brasileira da década de 1920. Na referida época, a cidade de São Paulo estava em um momento de expansão econômica, crescimento da população, modernização urbana e efervescência cultural e artística, atraindo imigrantes do mundo todo, especialmente os italianos, que são a peça fundamental da coletânea de contos “Brás, Bexiga e Barra Funda” (1927), de Alcântara Machado. Em todos os contos da coletânea a presença do imigrante italiano é constante, mas não só isso. Também estão em cena a representação da realidade urbana paulistana do início do século XX e o comportamento moderno que revelam as personagens.

O conto “A Sociedade” discorre sobre a história de um jovem casal composto pelo filho de imigrantes italianos e pela filha de um casal paulista aristocrata. Desde o início do conto percebe-se claramente o preconceito da família de Teresa Rita para com a família de seu namorado, Adriano Melli, pelo fato desta ser de imigrantes. Apenas no fim do conto o jovem casal consegue a permissão da família para ficar junto, quando os respectivos pais se tornam sócios em seus próprios negócios, ensejando, futuramente, o noivado dos namorados.

É interessante perceber que no conto “A sociedade”, o relato da vida do imigrante italiano, que chega a São Paulo no início do século XX, é feito de forma diferente dos demais contos da coletânea “Brás, Bexiga e Barra Funda”. Aqui, Salvatore Melli, pai de Adriano, já realizou sua ascensão econômica, enquanto grande parte das outras narrativas da coletânea destaca as dificuldades de adaptação que esses imigrantes enfrentaram no âmbito cultural e, sobretudo, no financeiro. Foi apenas aos poucos que esse grupo de imigrantes que chegava a São Paulo foi ganhando espaço na sociedade.

Além de dificuldades com relação ao idioma, aos costumes, e à própria forma como eram recebidos pela sociedade, essas pessoas sofriam certo preconceito advindo das famílias tradicionais paulistanas—as chamadas “quatrocentonas”—, não só por causa das condições econômicas, uma vez que, como já dito, no conto, o imigrante italiano se encontra em posição mais abastada, mas principalmente em decorrência de sua origem estrangeira e de sua riqueza recém conquistada. Partindo dessa narrativa, é possível estabelecer relações bastante claras entre a literatura e a história, uma vez que a história como conhecimento é sempre uma representação do passado e toda fonte documental para produzir esse conhecimento também é. Sendo assim, passamos, nas próximas páginas, a analisar o conto “A sociedade”, de Alcântara Machado, pelo viés do cotidiano e das tensões sociais estabelecidas entre os imigrantes italianos e os nativos da cidade de São Paulo do começo do século XX, mais precisamente na década de 1920.

Literatura, história e cotidiano

Desde o surgimento das novas teorias da História com a publicação da *Revue des Annales d'histoire économique et sociale*—posteriormente rebatizada de *Annales: économies, sociétés, civilisations*—por Marc Bloch e Lucien Febvre e do advento da História Nova—cujo expoente maior é Jacques Le Goff—que novos campos se abrem aos estudos históricos, rompendo com a historiografia tradicional do século XIX, conforme nos informa Peter Burke em *A escrita da história*:

A expressão ‘a nova história’ é mais bem conhecida na França. *La nouvelle histoire* é o título de uma coleção de ensaios editada pelo renomado medievalista francês Jacques Le Goff. Le Goff também auxiliou na edição de uma maciça coleção de ensaios em três volumes acerca de ‘novos problemas’, ‘novas abordagens’, e ‘novos objetos’. [...] Nesses casos está claro o que é a nova história: é uma história made in France. [...] Mais exatamente, é a história associada à chamada *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*.

A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional. [...] com muita frequência considerado a maneira de se fazer história, em vez de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado. (BURKE, 2011, p. 9–10, grifos do autor).

Dentre as “várias abordagens possíveis”, a que mais nos interessa no presente artigo é a da história do cotidiano, ou seja, o estudo do dia a dia das pessoas comuns em suas vidas e afazeres diários, mas é importante destacar que o fato de se tratar de algo “corriqueiro” não significa, de forma nenhuma, que o dia a dia de um determinado grupo seja desimportante, ou que não tenha—e sofra—impactos nas decisões políticas e aspectos culturais de uma determinada sociedade, uma vez que é no cotidiano que as pessoas vivem sua integralidade humana, e é a partir dele que nascem as transformações de toda natureza, como nos diz Agnes Heller em *O cotidiano e a história*:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. [...]

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (HELLER, 2008, p. 31).

É justamente da vida cotidiana que trataremos no presente artigo, tomando como objeto de estudo o conto “A sociedade”, da autoria de António de Alcântara Machado e integrante da obra “Brás, Bexiga e Barra Funda”, mas também—e principalmente—das tensões sociais que se estabelecem no contexto do conto, o que coloca nosso estudo também no campo da História do Imaginário e das Mentalidades, voltada para a compreensão dos aspectos culturais de uma determinada sociedade. A esse respeito nos diz Jacques Le Goff:

A história das mentalidades não se define somente pelo contato com as outras ciências humanas e pela emergência de um domínio repelido pela história tradicional. É também o lugar de encontro de exigências opostas que a dinâmica

própria à pesquisa histórica atual força ao diálogo. Situa-se no ponto de junção do individual e do coletivo, do longo tempo e do quotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral. (LE GOFF, 1995, p. 71).

O uso de obras literárias (pois os estudos literários certamente estão contemplados nas “outras ciências humanas” mencionadas por Le Goff, ainda que possam ser utilizadas “apenas” como fontes históricas para a pesquisa) como referencial para o estudo do cotidiano e das mentalidades se dá principalmente pelo fato de ser por meio da produção ficcional de uma determinada sociedade que se pode atingir suas camadas mais profundas, como nos informa Sônia Aparecida de Siqueira no artigo “Literatura: Uma fonte pouco explorada do conhecimento histórico”:

Pela literatura penetramos na vida psicológica (temas do amor, da amizade, da morte, por exemplo), como na vida de um grupo social (que faz ele de seu destino, de seu futuro). Pela literatura, portanto, penetramos nos domínios da História do Pensamento, da História da Sensibilidade, da História Social. (SIQUEIRA, 1975, p. 580).

Quando falamos no uso de obras literárias como fonte histórica, inevitavelmente somos levados ao centro do debate entre as relações que se estabelecem entre a ficção e a história, que remonta à antiguidade clássica e atualmente permanece ativo, com diferentes possibilidades de interpretação.

Não seria possível—e não se faz necessário—nos aprofundarmos em demasia nesse debate, mas é importante destacarmos que para o presente artigo assumimos as definições trazidas por Jacques Rancière, segundo o qual a ficção e a história seriam duas faces de uma mesma moeda, pertencentes a um mesmo regime de sentido, e que a existência de tantas obras literárias que tratam do dia a dia das pessoas se deve ao fato de que:

O real precisa ser ficcionado para ser pensado. Essa proposição deve ser distinguida de todo discurso—positivo ou negativo—segundo o qual tudo seria ‘narrativa’, com alternâncias entre ‘grandes’ e ‘pequenas’ narrativas. [...] Não se trata de dizer que tudo é ficção. Trata-se de constatar que a ficção da era estética definiu modelos de conexão entre a apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção, e que esses modos de conexão foram retomados pelos historiadores e analistas da realidade social. (RANCIÈRE, 2005, p. 58).

Assim sendo, cabe-nos refletir sobre qual o “real” que Alcântara Machado desejava ficcionar em sua obra “Brás, Bexiga e Barra Funda”, sobretudo no conto “A sociedade”, e não é difícil encontrarmos a resposta: a própria cidade de São Paulo e as profundas mudanças que nela ocorrem com a chegada massiva de imigrantes italianos, posto que durante os primeiros anos do século XX—período em que são escritos os contos que compõem a obra em questão—as péssimas condições de trabalho nas fazendas de café do interior paulista motivaram milhares de imigrantes à buscarem outra vida—with melhores condições—na cidade de São Paulo, provocando grandes transformações na estrutura social e urbana da capital paulista, conforme nos informa Angelo Trento em *Do outro lado do Atlântico*:

Uma vez na capital, os colonos nem sempre se dispunham a novas tentativas de atividade agrícola, mesmo porque na grande ebulação urbana as informações circulavam com maior rapidez e confirmavam que as condições na fazenda não mudavam muito de uma região para outra. Havia então, [...] os que, [...] tentavam empregar-se em setores que não o da agricultura, na própria capital ou nos pequenos centros do interior. [...]

Houve épocas em que, nas ruas [de São Paulo] se ouvia falar mais italiano (ou antes, mais os vários dialetos) do que português. [...] Certo dia, o próprio governador do Estado confessou que, se no telhado de cada casa fosse desfraldada a bandeira do país de origem de seu proprietário, São Paulo, vista do alto, pareceria uma cidade italiana. (TRENTO, 1989, p. 122).

Trazendo não apenas seus idiomas para a capital paulista, os imigrantes italianos podem ser considerados responsáveis pela introdução de uma mentalidade econômica europeia que, encontrando solo fértil—e trabalhadores dispostos a colocá-la em prática, muitos dos quais igualmente estrangeiros—pode ser compreendida como fator determinante para o estabelecimento de uma nova estrutura, baseada no comércio e na posterior industrialização, possibilitada pela riqueza trazida pela cafeicultura, conforme nos informa José de Souza Martins:

Há os que entendem que foi o imigrante quem trouxe, para regiões como a de São Paulo, experiência e talento empresarial. Isso é parcialmente verdade. [...] O que fizeram aqui em São Paulo foi empregar seu talento comercial nas imensas possibilidades que a economia do café gerava após o fim da escravidão, no crescimento rápido do mercado, especialmente o de consumo. (MARTINS, 2011, p. 65).

Não se deve imaginar, contudo, que as relações entre a cafeicultura tradicional—responsável pelo enriquecimento coletivo do estado de São Paulo—ainda que esse enriquecimento não tenha alcançado seus habitantes de forma igualitária—e a nova economia industrial e comercial que começava a nascer na capital paulista se deram de forma pacífica e tranquila, mesmo que as duas mentalidades econômicas gerassem estruturas mutuamente favoráveis.

A verdade é que entre a cafeicultura tradicional e a mentalidade comercial e industrial se estabeleceu um tipo de tensão, em que ambas se favoreciam mutuamente, em termos econômicos, mas desconfiavam uma da outra, em termos políticos, e principalmente sociais.

É justamente dessa tensão que se estabelece entre a economia cafeicultora tradicional dos paulistas de “quatrocentos anos” e a nova economia comercial e industrial protagonizada pelos imigrantes italianos—que enriqueciam com essas práticas, abrindo espaço nas camadas mais altas da sociedade paulista—que trata o conto “A sociedade”, e é sobre esse tema que nos aprofundaremos a seguir. Mas antes de fazê-lo, é importante trazermos algumas palavras sobre seu autor, Antônio de Alcântara Machado, e a obra maior da qual o conto faz parte, “Brás, Bexiga e Barra Funda”.

Antônio de Alcântara Machado e “Brás, Bexiga e Barra Funda”

Antônio Castilho de Alcântara Machado d’Oliveira nasceu paulistano em 25 de maio de 1901. Intelectual de sólida formação, por parte de pai pertencia à ilustre família Machado, da qual saiu uma grande quantidade de personagens importantes para a sociedade brasileira—paulista em especial—como nos informa Francisco de Assis Barbosa:

Antônio de Alcântara Machado foi um intelectual [...] A começar pela sua formação, no Colégio São Bento e na Faculdade de Direito de São Paulo, que jamais renegou, falando sempre com ternura e mesmo com orgulho do Colégio e da Faculdade. Especialmente da Faculdade, da qual o pai era professor, como já o tinha sido o avô, Brasílio Machado, espírito eminentemente conservador, cujo elogio o neto faria em termos nada revolucionários, no estudo biográfico publicado em 1931 na revista católica *A Ordem* sob o título “Um Operário Católico”. Era bem um “paulista de quatrocentos anos”, tal como o pai se ufanava de sê-lo. O pai, a quem ele amava e admirava, Alcântara Machado, autor do belo livro *Vida e Morte do Bandeirante*. Havia ainda o bisavô, o Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, governador de cinco províncias no Império, soldado, parlamentar, erudito, historiador, curioso das ciências naturais. (BARBOSA, 1979, p. xxvii–xxix, grifos do autor).

Como é dito acima, Antônio de Alcântara Machado fez seus estudos no Colégio São Bento, fundado em 1903, e ainda hoje localizado no centro de São Paulo. Cursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo, fundada em 1827, localizada no Largo São Francisco, e hoje parte integrante da Universidade de São Paulo. Nessa mesma faculdade era professor o seu pai José de Alcântara Machado d’Oliveira.

Ainda estudante, com apenas dezenove anos de idade, publica seu primeiro artigo no *Jornal do Comércio*: uma crítica literária à obra *Vultos e Livros*, de Artur Mota. Seu primeiro livro publicado foi *Pathé-Baby*, de 1926, que configurava um compêndio de vários textos que Alcântara Machado escrevera para a imprensa brasileira durante suas viagens por diversas capitais europeias, tais como Londres, Roma e Paris.

É bastante significativo lembrar que Antônio de Alcântara Machado não participou da Semana de Arte Moderna, em 1922, mas que aderiu ao Modernismo posteriormente, travando contato e amizade com muitos dos intelectuais e idealizadores do movimento, especialmente com Mário de Andrade, que viria a ser seu grande amigo até o precoce final de sua vida aos 34 anos.

Mesmo tendo tomado parte no Modernismo apenas em 1925, três anos após toda a repercussão da Semana de Arte Moderna e o rompimento profundo com os padrões estéticos vigentes até o momento, Alcântara Machado foi capaz de incorporar com maestria os ideais e valores modernistas, pois de certa forma eles vinham como uma resposta a muitos anseios do escritor, sobretudo no que diz respeito às formas pelas quais eram criadas as obras literárias brasileiras, conforme nos diz Luís Toledo Machado em “Antônio de Alcântara Machado e o Modernismo”.

E embora não tivesse participado diretamente da Semana de Arte Moderna, soube compreendê-la e apoiá-la com lúcido entusiasmo. Desde então associou-se à fundação de três revistas que contribuíram para a fixação dos caminhos modernistas: *Terra Roxa e Outras Terras* (1926), *Revista de Antropofagia* (1928) e *Revista Nova* (1931).

A relativa distância de idade que o separava do elenco tutelar modernista [...] não o excluiu da liderança intelectual, nem impediu a plena comunhão de idéias e aspirações. (MACHADO, 1970, p. 11, grifos do autor).

Profundamente ligado à cidade de São Paulo, Alcântara Machado a elege como palco principal de suas narrativas, podendo ser considerada quase que uma “protagonista” em seus textos, sobretudo nas coletâneas de contos “Laranja da China” (1928), e “Brás, Bexiga e Barra Funda”

(1927), que será a obra da qual extrairemos o conto acerca do qual nos aprofundaremos no presente artigo.

A primeira coisa que nos chama a atenção ao ler “Brás, Bexiga e Barra Funda” é o fato de que Alcântara Machado não escolheu trazer para o centro da narrativa personagens inspiradas nos membros da elite paulista, da qual ele mesmo fazia parte. É verdade que também aparecem os bem-sucedidos e ricos em seus contos, mas jamais são apresentados como os únicos ocupantes da metrópole. Os contrastes e a realidade da vida urbana da São Paulo dos primeiros anos do século XX são o objeto de estudo e o tema principal de seus contos.

Entre os muitos tipos sociais retratados por Alcântara Machado, são privilegiados os imigrantes italianos na cidade e nos arredores de São Paulo. Não apenas os italianos enriquecidos, donos de invejáveis fortunas, mas principalmente os mais pobres, moradores de bairros afastados, que ganhavam seu sustento duramente, em longas jornadas de trabalho, e que em família compartilhavam as desgraças e os sonhos de ascensão social e melhora das condições de vida.

Há muitos motivos pelos quais Alcântara Machado pode ter escolhido os imigrantes italianos de São Paulo como principais atores e personagens de seus contos. Felizmente não precisamos fazer suposições. O próprio Alcântara Machado nos dá essa explicação e justificativa na abertura de “Brás, Bexiga e Barra Funda”:

Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Entre elas uma alegre que pisou na terra paulista e na terra brotou e se alastrou como aquela planta também imigrante que há duzentos anos veio fundar a riqueza brasileira.

Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena nasceram os novos mamalucos.

Nasceram os intalianinhos.
O Gaetaninho.
A Carmela.
Brasileiros e paulistas. Até bandeirantes.
E o colosso continuou rolando.
No começo a arrogância indígena perguntou meio zangada:

**Carcamano pé-de-chumbo
Calcanhar de frigideira
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?**

O pé-de-chumbo poderia responder tirando o cachimbo da boca e cuspindo de lado: a brasileira, per Bacco!

Mas não disse nada. Adaptou-se. Trabalhou. Integrou-se. Prosperou. (MACHADO, 1927, p. 16–18, grifos do autor).

Como podemos verificar, Alcântara Machado faz sua escolha a partir da observação de que os italianos chegam a São Paulo sob muitos preconceitos, e com o tempo se adaptam e assimilam a própria essência da cidade, ao mesmo tempo em que a cidade acaba por acolhê-los como se fossem filhos dela. Os italianos passam, com o tempo, a fazer parte da sociedade paulistana a um ponto em que se torna virtualmente impossível imaginar a capital paulista sem os italianos e seus descendentes, sobretudo se pensarmos que mesmo atualmente São Paulo é a cidade do mundo com o maior número de italianos—e descendentes—fora da Itália.

Os textos que são compostos a partir de cuidadosa observação de Alcântara Machado aos membros da comunidade italiana em São Paulo são publicados no ano de 1927, com o título de “Brás, Bexiga e Barra Funda. Notícias de São Paulo”, revelando a intenção do autor de dizer que os contos são representações de situações reais do cotidiano paulistano, ocorridos nos três bairros da capital paulista onde, na época, mais se concentravam os italianos e seus descendentes.

BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA, como membro da livre imprensa que é, tenta fixar tão-somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e quotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas. É um jornal. Mais nada. Notícia. Só. Não tem partido nem ideal. Não comenta. Não discute. Não aprofunda.

Principalmente não aprofunda. Em suas colunas não se encontra uma única linha de doutrina. Tudo são fatos diversos. Acontecimentos de crônica urbana. Episódios de rua. (MACHADO, 1927, p. 18–19, grifos do autor).

É com esse “rigor jornalístico” que Alcântara Machado compõe cada um dos contos de “Brás, Bexiga e Barra Funda”, procurando apresentar ao leitor cenas cotidianas dessa importante comunidade imigrante, focando seus textos na apresentação das tensões sociais que se estabelecem entre os italianos e seus descendentes e os habitantes mais antigos da capital paulista, sobretudo no que tange à ascensão social de alguns dos primeiros e o declínio de alguns dos segundos, conforme nos diz Machado:

Com efeito, sua [de Alcântara Machado] posição em Brás, Bexiga e Barra Funda é a de um observador colocado “fora” do espetáculo e a forma de tratamento do tema [...] com preocupações realistas de reprodução [...] verossímil da realidade, de maneira a emprestar às narrativas indiscutível caráter de autenticidade.

Nos contos da década de 20, o nosso autor alcança os dois grandes movimentos fundamentais da orquestração social paulista: a mobilidade ascendente do imigrante e a descendente dos estratos médios da sociedade tradicional. O problema é posto em termos de conflito e acomodação. (MACHADO, 1970, p. 65).

Apresentados brevemente o autor, Alcântara Machado, e alguns dos aspectos fundamentais da obra sobre a qual nos debruçaremos, podemos partir agora para a verificação de como esse tensionamento social aparece em “Brás, Bexiga e Barra Funda”, tendo sido escolhido para o presente artigo—diante da impossibilidade de aprofundarmo-nos apropriadamente em mais de um deles—o conto “A sociedade”.

Cenas do cotidiano e tensão social em “A sociedade”

“— Filha minha não casa com filho de carcamano!” (MACHADO, 1927, p. 69). Assim começa “A sociedade”. Esse conto trata—dentro do âmbito das tensões sociais mencionadas acima—de assuntos bastante importantes no cotidiano paulista, tanto no tempo presente como no período estudado nesse artigo: as questões do casamento, do preconceito e da ascensão social.

A frase acima reproduzida é dita pela mãe da personagem Teresa Rita, que logo após dizer tais palavras, vai brigar com o “italiano das batatas” (MACHADO, 1927, p. 69). Teresa Rita, por sua vez, tranca-se no quarto, às lágrimas, e seu pai, o Conselheiro José Bonifácio, sai de casa abotoando o fraque.

Podemos inferir que a família de Teresa Rita é de elevada posição social, posto que o seu patriarca exerce a função de conselheiro (embora não saibamos se estadual ou municipal), e exerce seu ofício trajando fraque. O próprio nome, José Bonifácio, evoca glória e poder, uma vez que José Bonifácio de Andrada e Silva é considerado uma das principais figuras do processo de Independência do Brasil.

Por outro lado, ao se referir ao pai do “carcamano” (MACHADO, 1927, p. 69) que desejava desposar Teresa Rita como “italiano das batatas” (MACHADO, 1927, p. 69) o autor evidencia um duplo preconceito das mais abastadas famílias da época: pela nacionalidade estrangeira dos imigrantes italianos ao chamar o pretendente de Teresa Rita de “carcamano”, termo extremamente ofensivo para designar os imigrantes da Itália na América Latina; e pela profissão do homem, apresentada no adjetivo “das batatas”, utilizado para se referir de forma pejorativa à forma pela qual o italiano em questão tira o seu sustento e de sua família.

O trecho seguinte do conto apresenta Teresa Rita lendo em seu quarto um romance de Henri Ardel, quando o som de uma buzina a chama na janela.

O esperado grito do cláxon fechou o livro de Henri Ardel e trouxe Teresa Rita do escritório para o terraço.

O Lancia passou como quem não quer. Quase parando. A mão enluvada cumpriu mentou com o chapéu Borsalino. Uiiiiia-uiiiia! Adriano Melli calcou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a Rua da Liberdade. Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiiii-uiiiiiia!

— O que você está fazendo aí no terraço, menina?

— Então nem tomar um pouco de ar eu posso mais?

Lancia Lambda, vermelhinho, resplandecente, pompeando na rua. Vestido do Camilo, verde, grudado à pele, serpejando no terraço.

— Entre já para dentro ou eu falo com seu pai quando ele chegar!

— Ah meu Deus, meu Deus, que vida, meu Deus!

Adriano Melli passou outras vezes ainda. Estranhou. Desapontou. Tocou para a Avenida Paulista. (MACHADO, 1927, p. 69-70).

Esse trecho nos revela a sociedade patriarcal, que predominava no período da publicação da obra. Quando a mãe de Teresa Rita manda que ela entre em casa, usa como instrumento de coerção a ameaça de que iria falar com o pai, caso insistisse em desobedecer à sua ordem. Esse instrumento é revelador do patriarcalismo pois a figura do homem, aqui representada pelo pai da moça, é evocada como uma força interventora e inquestionável, e que sua autoridade poderia se fazer valer sobre a filha da forma que julgassem melhor para sua educação. O fato de a mãe de Teresa Rita, e a própria jovem, não trabalharem fora de casa reforça a ideia do homem como provedor financeiro e chefe do lar.

Esse mesmo trecho traz ainda uma crítica velada de Alcântara Machado a certos elementos dessa estrutura social, posto que Teresa Rita obedece às ordens da mãe, mas o faz de má vontade, reclamando da vida, o que pode ser interpretado tanto como o desabafo de uma jovem, quanto uma crítica propriamente dita à estrutura social.

A partir desse momento o conto passa para um baile, onde Teresa Rita fora autorizada a ir sozinha devido a um furúnculo que inflamara o pescoço do pai. Nesse baile a moça se encontra novamente com Adriano Melli, e é quando Alcântara Machado revela serem namorados. É nesse momento que o jovem diz à moça que seu pai deseja falar com a dela, tratar de um assunto de negócios. É assim, um pouco mais adiante, que se dá esse encontro comercial.

O cav. uff. Salvatore Melli alinhou algarismos torcendo a bigodeira. Falou como homem de negócios que enxerga longe. Demonstrou cabalmente as vantagens econômicas de sua proposta.

— O doutor...

— Eu não sou doutor, Senhor Melli.

— Parlo assim para facilitar. Non é para ofender. Primo o doutor pense bem. E poi me dê a sua resposta. Domani, dopo domani, na outra semana, quando quiser. Io resto à sua disposição. Ma pense bem!

Renovou a proposta e repetiu os argumentos pro. O conselheiro possuía uns terrenos em São Caetano. Cousas de herança. Não lhe davam renda alguma. O cav. uff. tinha sua fábrica ao lado. 1.200 teares. 36.000 fusos. Constituíam uma sociedade. O conselheiro entrava com os terrenos. O cav. uff. com o capital. Arrumavam os trinta alqueires e vendiam logo grande parte para os operários da fábrica. Lucro certo, mais do que certo, garantidíssimo.

— É. Eu já pensei nisso. Mas sem capital, o senhor comprehende, é impossível...

— Per Bacco, doutor! Mas io tenho o capital. O capital sono io. O doutor entra com o terreno, mais nada. E o lucro se divide no meio.

O capital acendeu um charuto. O conselheiro coçou os joelhos disfarçando a emoção. A negra de broche serviu o café. (MACHADO, 1927, p. 73-74).

Essa passagem do conto é reveladora de uma série de informações sobre a ascensão social dos imigrantes italianos na capital paulista, bem como das relações comerciais que desenvolvem com os membros já mais bem estabelecidos na Paulicéia.

Primeiramente, no que diz respeito à ascensão social dos imigrantes italianos, é possível verificar que a sociedade paulistana do início do século XX permitia—embora não necessariamente a aceitasse de bom grado—a mobilidade social e a melhora das condições econômicas através do esforço próprio, mediante trabalho incansável e perseverança inabalável.

Alcântara Machado demonstra ainda que o espírito empreendedor e a mentalidade comercial mencionados acima foram, de fato, características perceptíveis em pelo menos alguns dos imigrantes, posto que a ideia de um negócio que pode gerar grandes lucros partiu não do dono dos terrenos, já membro da elite paulistana, mas do italiano que alcançara a condição de riqueza a partir de seu trabalho.

Podemos inferir que esse espírito comerciante se manifesta nos imigrantes italianos em decorrência da necessidade de—vindos da Itália quase que sem recursos—desenvolver estratégias e meios de sobrevivência. O maior e mais grandioso exemplo desse empreendedorismo imigrante em São Paulo é Francesco Matarazzo. Filho de agricultores na Itália, migrou em 1881 para o Brasil, trazendo apenas um carregamento de banha, e morreu em 1937 com a maior fortuna do país, um título de conde recebido como gratificação do Rei Vitor da Itália, em 1917, pelo dinheiro enviado à sua terra natal para reconstruí-la após a guerra, e vencimentos anuais que superavam em larga escala o PIB de qualquer estado brasileiro, à exceção de São Paulo.

O fato de o Conselheiro José Bonifácio, membro já economicamente abastado de São Paulo, possuir uma série de terrenos sem utilidade nenhuma, parados, e ser justamente um estrangeiro que pensa uma forma de fazer com que esses terrenos gerem renda, pode esconder uma crítica por parte do autor direcionada à elite da sociedade paulistana do período, que já possuindo condição financeira favorável, pouco ou nada se esforçava para o desenvolvimento do Estado de São Paulo.

Esse trecho demonstra ainda—durante a conversa entre Salvatore Melli e José Bonifácio visando o estabelecimento de uma sociedade—como se davam algumas das relações comerciais entre a elite paulista, da qual passam a fazer parte, progressivamente, muitos imigrantes. Podemos perceber que ao menos parte dos acordos comerciais se davam em âmbito residencial, onde se discutiam os negócios ao mesmo tempo em que era oferecido café e se fumava charutos. Também podemos inferir que era moda entre homens de negócio o uso do bigode, posto que no trecho acima reproduzido o autor indica o gesto de torcer o bigode como uma atitude de homem de negócios que enxerga ao longe.

Quanto ao ato de servir café, convém lembrar que a pessoa que o faz é uma mulher negra. Essa escolha pode ser entendida como uma possível intenção de Alcântara Machado demonstrar—e certamente criticar—que José Bonifácio pertencia a uma antiga casta de membros abastados da sociedade, casta essa que durante os anos do Império muito se beneficiou com a escravidão, e que mesmo após a Abolição ainda se prendia a velhos hábitos, ao colocar, por exemplo, uma mulher negra para executar o trabalho doméstico, fazendo eco às antigas escravas urbanas do período imperial.

Outro importante detalhe a ser notado é que a partir do momento em que Salvatore Melli afirma que ele entrará com o dinheiro, e José Bonifácio só precisa entrar com os terrenos, o autor passa a identificar o italiano como “o capital”. Isso representa uma dupla alegoria.

A primeira segue o mesmo fio condutor que coloca uma negra servindo café. O imigrante, enriquecido recentemente por meio de seu trabalho e membro de uma nova ordem social de recém-ricos, é quem pode dispor do dinheiro para o investimento nos terrenos do brasileiro, membro já estabelecido de antiga elite. Isso significa que ainda que a antiga elite paulista seja detentora de status—no caso de nosso conto, dos terrenos—são os novos ricos, parte deles imigrantes italianos, que possuem os meios—o dinheiro, o capital—para impulsionar o desenvolvimento e o crescimento de São Paulo e do Brasil, o que efetivamente coloca em xeque a antiga ordem social, seja no que tange à questão racial, seja no que tange à questão econômica.

A segunda alegoria versa sobre a supervvalorização do capital, do dinheiro, em detrimento de outros valores. Quando afirma que “O capital sono io.” (MACHADO, 1927, p 74), Salvatore Melli passa a ser visto por José Bonifácio apenas como dinheiro, como uma forma de tirar vantagem dos terrenos que possui, tirando-os do ócio para o lucro sem precisar colocar a mão no bolso, investir e trabalhar. Isso explicaria a razão pela qual o autor a ele se refere como “o capital”.

A partir do momento em que se estabelece a sociedade entre Salvatore Melli e José Bonifácio fica nítida a ideia de que o dinheiro estaria acima dos valores pessoais. O conto começara com a afirmação categórica de que Teresa Rita não poderia se casar jamais com o filho de um carcamano. Esse mesmo conto termina com o casamento entre ela e Adriano Melli.

No chá de noivado, o cav. uff. Melli na frente de toda a gente recordou à mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, Olio di Lucca e bacalhau, quase sempre fiado e até sem caderneta. (MACHADO, 1927, p. 77).

Esse trecho final do conto demonstra duas coisas de grande importância. Em primeiro lugar, a decadência da antiga ordem social da elite paulista que, embora mantivesse o status, estava falida financeiramente—ou não precisaria comprar fiado de um “carmacano”—e fadada ao desaparecimento em meio à nova ordem que se estabelecia com os imigrantes italianos e os novos ricos.

Em segundo lugar, demonstra de forma categórica que a partir do momento em que Salvatore Melli injetou dinheiro nos terrenos de José Bonifácio, auxiliando assim a família do

conselheiro, que estava em aparente decadência, ele deixou de ser um “carcamano” ou o “italiano das batatas”, e se tornou um sócio—“o capital”—, sendo assim perfeitamente normal que seu filho se casasse com Teresa Rita.

Esse trecho ainda revela uma característica tradicionalmente relacionada aos imigrantes italianos. O hábito de falar com tom de voz elevado e, em reuniões familiares, relembrar episódios do passado, muitas vezes engraçados, outras tantas constrangedores, sempre com bom humor e saudosismo. Isso se evidencia na forma pela qual—certamente de forma proposital—Salvatore Melli faz questão de falar na frente de todos sobre a real condição financeira da família do Conselheiro, como se apenas relembrasse com a mãe de Teresa Rita algum anedótico episódio do passado.

Desta forma, o conto “A Sociedade” retrata com bom humor aspectos do cotidiano dos imigrantes italianos abastados, na sociedade paulistana das primeiras décadas do século XX, especialmente retratando as relações comerciais, valores e tensões que se estabeleciam entre a elite paulista em decadência e os novos ricos, entre os quais muitos imigrantes italianos em ascensão econômica, que “fizeram a América” e começavam a estabelecer novos valores e uma nova ordem social na São Paulo da década de 1920.

Considerações finais

Tendo revisitado algumas teorias da história e, focando no cotidiano da cidade de São Paulo do início do século XX, foi possível não só estabelecer conexões entre a literatura e a história, mas também verificar como a ficção de Alcântara Machado atravessa questões fundamentais no que diz respeito à relação entre imigrantes italianos e nativos paulistas da década de 1920. Ao falarmos de textos literários como fonte histórica, vamos direto ao cerne das discussões acerca das relações que se estabelecem entre a ficção e a história, que remonta à antiguidade clássica e que atualmente permanece ativo, com diferentes possibilidades de interpretação.

No conto analisado nesse breve estudo, sob o jugo do preconceito sofrido por esses imigrantes no que concerne à sua língua de origem, seus costumes e cultura, há um forte desejo de superação, que aos poucos vai se afirmando, fazendo com que esses cidadãos italianos conquistem espaço, respeito e notoriedade. Percebe-se que, diferentemente dos outros contos da coletânea “Brás, Bexiga e Barra Funda”, em “A sociedade”, o imigrante italiano já aparece em condições financeiramente melhores, o que comprova a afirmação anterior, de que essas pessoas conquistaram seu status social.

A sociedade à qual o título do conto faz menção, que diz respeito ao contrato firmado pelos pais do casal Teresa Rita e Adriano Melli, é a peça-chave dessa narrativa, pois denota claramente que os interesses financeiros estavam acima de qualquer outro tipo de negociação.

Assim sendo, concluímos que o conto “A sociedade”, de Antônio de Alcântara Machado, é objeto profícuo para a discussão sobre o cotidiano e as tensões sociais no âmbito das famílias de imigrantes italianos e os nativos da cidade de São Paulo nos primeiros anos do século XX.

Referências

- BARBOSA, F. d. A. Nota sobre Antônio de Alcântara Machado. In: MACHADO, A. d. A. *Novelas paulistanas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

- LE GOFF, J. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora, 1995.
- MACHADO, A. d. A. **António de Alcântara Machado e o Modernismo.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.
- _____. **Brás Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo.** São Paulo: Editorial Helios, 1927.
- _____. _____. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2002. Edição fac-similar comemorativa dos 80 anos da Semana de Arte Moderna (1922–2002).
- MARTINS, J. d. S. **São Paulo no século XX:** primeira metade. São Paulo: Editora Poiesis, 2011. (Coleção História Geral do Estado de São Paulo, v. 4).
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível.** Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SIQUEIRA, S. A. d. Literatura: uma fonte pouco explorada do conhecimento histórico. **Revista de História,** São Paulo, v. 52, p. 577–591, 1975.
- TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico:** Um século de imigração italiana no Brasil. Tradução: Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Editora Nobel, 1989.

Recebido em 21 out. 2022. Aprovado em 17 nov. 2022.

